

Germinar

Assessoria
Técnica
Independente
PARAOPEBA

NACAB
NÚCLEO DE ACESSORIA
AS COMUNIDADES ATINGIDAS
POR BARRAGENS

PARCERIA



O SEGREDO DAS PLANTAS

Pai Tozinho
ensina a força
das folhas

Todo o território ancestral é uma roça

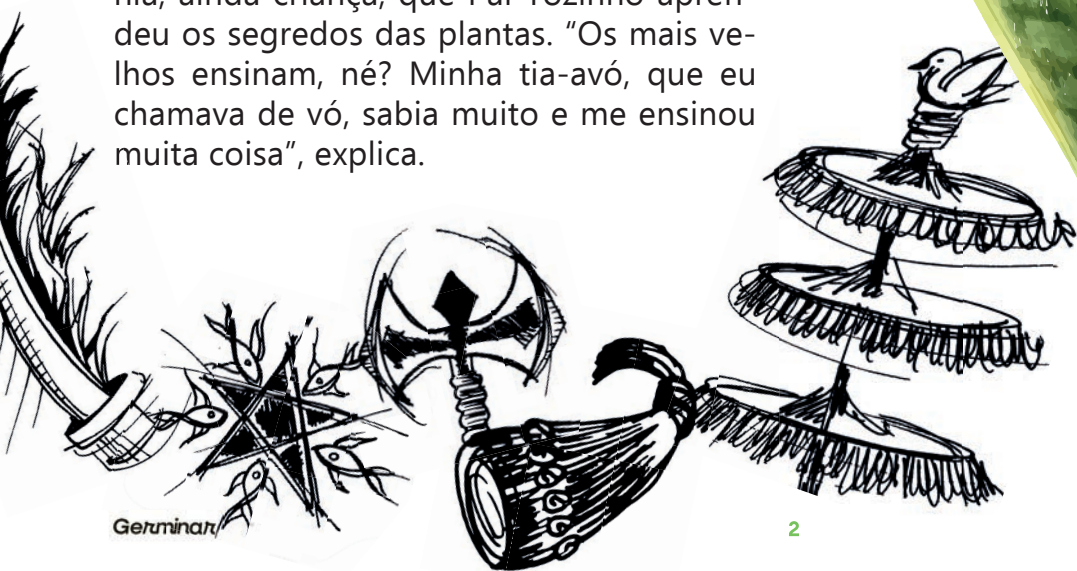


Quando chegamos na lagoa da comunidade de Retiro, a 20 km do centro de Paraopeba, e nos deparamos com uma mata densa com pequenas trilhas abertas, além da estreita estrada de barro por onde passam caminhões do agronegócio, nem imaginamos a riqueza de bençãos e saberes que existem ali.

O que pode parecer mato que não se diferencia, é cura ancestral ensinada por Pai Tozinho, que costuma explorar as matas das redondezas em busca de ervas para curar seus filhos. Nascido Everton Renato Martins, Pai Tozinho é o líder espiritual do Terreiro e Aldeia das Folhas Tenda Pai Julião das Almas.

Seu conhecimento e olhar apurado para identificar cada folha na mata mostram que todo território ancestral é roça. A biointeração com a natureza é uma tecnologia longínqua que dá ao pai de santo a capacidade de interagir com a terra, sendo um irmão dela. Essa relação, também chamada de agroecologia, é feita de saberes que se expressam na lida com a roça, na coleta de ervas e no respeito às forças presentes.

Foi andando na mata com a tia-avó Germânia, ainda criança, que Pai Tozinho aprendeu os segredos das plantas. "Os mais velhos ensinam, né? Minha tia-avó, que eu chamava de vó, sabia muito e me ensinou muita coisa", explica.



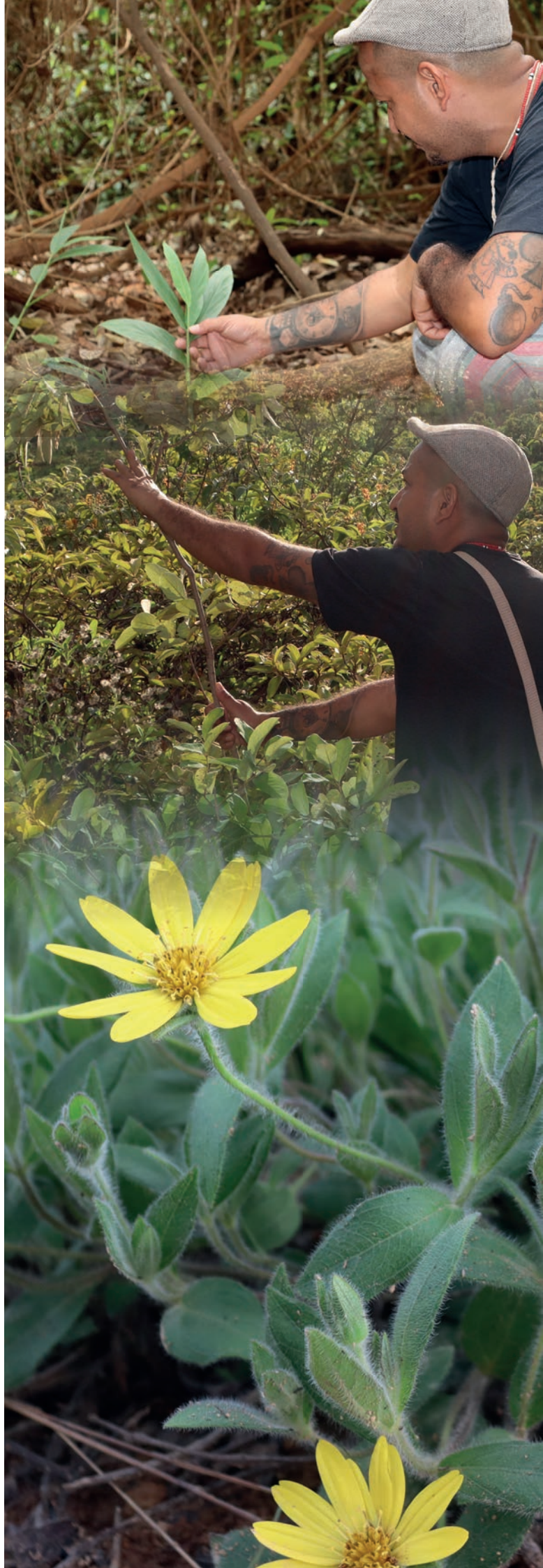
O umbandista é um cultivador: é preciso terra para plantar

Pai Tozinho explica que, para ser umbandista tem que saber lidar com a terra, tem que cultivar, saber a lua certa e o local certo para plantar. Mas quando não se tem local para plantar, é preciso saber onde pegar, quais são os pontos de força, tirar de onde tem menos poluição. "Não é só física, né? Mas [questão] de energia mesmo", afirma.

Para ele, que não gosta de comprar as folhas que usa, ter terra para plantar é diferente. "Você sabe o que você está fazendo, foi plantada especificamente para aquilo, tem um respeito ali", diz. "Cada planta dessa aqui tinha um espírito".

Na mata, enquanto Pai Tozinho mostra e fala das potencialidades das diversas plantas e raízes que ele chama pelo nome - lírio do brejo, alecrim do campo, canela de velho, negramina, cipó de fogo, dentre outras, ele diz como é ser um umbandista que não faz plantio. "Difícil, tem que pedir para vizinhos, muitas vezes andar longe e correr o risco de chegar e não encontrar. Então, quando você planta está mais seguro, porque sabe que vai ter sempre", explica.

Foi pensando na possibilidade de plantar em seu próprio terreiro que Pai Tozinho e seus filhos se mudaram. Antes, sua casa de santo ficava no centro de Paraopeba, mas hoje estão organizando seu templo na zona rural da vizinha Caetanópolis. "A gente tem um espaço lá, vai plantar e desenvolver o nosso trabalho nessa nova comunidade. Ficou pequeno onde a gente estava, a gente precisa plantar algumas ervas que a gente não acha mais por conta do rompimento", diz.





Curar pelas folhas é **pedir licença para a terra**

"Quando você está lá naquele cultivo, naquele cuidado, é um momento único, te traz para o presente. Você pede licença para a terra, para a planta, porque tem uma força de cura ali".

E as energias de cura do banho se iniciam aí, no plantar e "no colher", em uma circularidade de interação e respeito com a terra e a ancestralidade. E, então, chega o momento do preparo do banho: "A gente faz um conjuro, muita gente chama de reza. A gente conjura o espírito. Pede a ele que liberte a força mágica, o ngunzo, o axé, a sabedoria contida naquela folha, para quando a gente tomar banho, a gente alcance os objetivos da gente", explica Pai Tozinho.



Não apagaram os **saberes antigos**

Há uma narrativa que a história única conta, que fala de uma ancestralidade preta e indígena sem sabedoria ou ciência. Na contracorrente desse pensamento colonizador, Pai Tozinho rebate: “O que acho estranho é o pessoal achar que o povo que veio escravizado veio selvagem. Na verdade, não. Vieram pessoas com muito conhecimento, de agricultura, de caça de animais. Os indígenas também já tinham todo esse conhecimento, eles não aprenderam a plantar com esse povo que chegou”.

Ele reforça que, embora os colonizadores europeus tenham tentado apagar os saberes ancestrais, eles seguem firmes. “Os indígenas não aprenderam a plantar com a chegada desse povo (branco). Eles já faziam do jeito deles e muita coisa ainda é feita do jeito que eles ensinaram. Muita coisa que a gente come hoje, aprendemos com eles. Nos ensinaram o que podia comer, o que não podia, o que era veneno, o que era remédio. Depois [os colonizadores] tentaram apagar toda essa história”, lembra.

E é respeitando esses saberes que Pai Tozinho mantém sua relação com a terra viva. É no diálogo entre as forças vitais, energia que não vemos, que ele busca guiança quando entra na mata. “Às vezes, quando vou pegar folhas na mata, espero aquele ancestral vir para mostrar a folha e perguntar se é ela mesmo”.



Pai Tozinho já sentiu a força do preconceito em Paraopeba, onde nasceu e mora até hoje. Isso o fez adiar sua entrega na umbanda. Segundo ele, a umbanda faz parte da sua vida desde sempre, mas foi somente aos dezesseis anos que saiu da cidade e foi a Sete Lagoas para fazer todos os rituais que o tornaram pai de santo. Ele também conta que já foi detido pela polícia, por perturbação à ordem, uma vez que os toques dos atabaques e as louvações à espiritualidade costumam despertar o racismo religioso.

Mesmo diante do preconceito, ele crê que a caminhada trouxe avanços: “A gente vem quebrando barreiras. Hoje temos a festa de Preto Velho, que acontece em maio, e já está no calendário do município e foi reconhecida como festa religiosa tradicional”, lembra ele.

Por outro lado, e na contramão do preconceito, Pai Tozinho já recebeu o prêmio de Mestre da Cultura Popular, concedido pela Secretaria de Cultura de Paraopeba, um importante reconhecimento aos seus saberes ancestrais. Hoje ele também dá palestras sobre intolerância religiosa, ervas medicinais e saberes ancestrais para jovens em escolas públicas.



Ribeirão do Cedro com baixa vazão de água.

Sem rio limpo, sem espiritualidade

Não existe umbandista sem folha. Não existe espiritualidade sem natureza. Não existe rio se ele não está limpo. O minério que veio feito enxurrada, expulsando das beiras de água as entidades, as folhas, as energias de cura, com a mesma crueldade com que arreben-tou a represa naquele 25 de janeiro de 2019, ainda ressoa nos modos de vida dos diversos territórios atingidos.

Pai Tozinho e seus filhos não são os únicos que tiveram que mudar suas práticas interrompidas por causa das toneladas de rejeitos. Se antes buscavam ervas e plantas à beira do Paraopeba, se banhavam o orí de seus filhos nas águas correntes de lá, ou se manifestavam seus rezos para o vento, o barro e as águas no rio, hoje tiveram que caçar outros jeitos de professar sua fé.

Antes, a gente ia lá no rio e pegava as folhas”, conta o pai de santo. “Agora, não tem mais o porquê pois não se acredita nem que

os orixás estejam naquele lugar sujo. Se nós não podemos beber dessa água, o sagrado também não. Como que eu vou por uma água daquela na minha quartinha? Como vou usar para tomar um banho, lavar meu orí, a minha cabeça e banhar um filho ou fazer um chá?”, problematiza. Mesmo o rio Paraopeba sendo distante do seu terreiro, ainda assim era ali que muitos dos seus rituais aconteciam.

Pai Tozinho conta que um dos poucos lugares com água que não foram atingidos foi a lagoa do Retiro, onde ainda entra na mata para coletar. Outro lugar que gostava de ir era o ribeirão do Cedro, mas ele diminuiu suas águas desde o rompimento. O fornecimento de água para a cidade foi cortado e reativaram o poço que tinha no ribeirão do Cedro. Com isso, ele baixou muito o nível e aí algumas espécies a gente não acha mais lá. “Daí a gente tem que andar e procurar em outros lugares”, pontua.

Perdem-se saberes, perdem-se fazeres

Com o rompimento da barragem Córrego do Feijão, não foi somente o ciclo das plantas e ervas que ficou comprometido, mas também o de saberes e fazeres, como o dos oraculistas. “O sacerdote usa o ojuoro, que é a folha da visão, conhecida como alface d’água, para o ritual de lavar as vistas, para que tenha visão no oráculo. Essa folha a gente não encontra mais”, lamenta ele, que diz que outras plantas também já não existem mais, nem às margens do rio Paraopeba, nem no ribeirão do Cedro.

Pai Tozinho, assim como outros sacerdotes que vivem em áreas atingidas pelo desastre-crime, lamenta o fato de que, após anos de luta, os terreiros não conseguiram qualquer tipo de reparação no âmbito do processo. Para ele, deveria ser feito um investimento financeiro para reestruturar os terreiros e suas práticas. Ter um lugar onde possam plantar e colher, ter cursos para os filhos de santo, ou ter direito a receber o PTR, o Programa de Transferência de Renda.

“Eu tinha uma barraca na feira de ervas. Então acaba que não está mais compensando, porque muita planta não se acha mais”, conta. “É necessário investir em capacitação para o pessoal da comunidade para trabalhar por outras vias. Os cursos vão ajudar muito, se eles realmente chegarem para os povos de terreiro”, acrescenta.

Minidicionário de Saberes de Matriz Africana

Iansã/Oiá: Orixá, mãe que domina os ventos e as tempestades. Ela é guerreira, e, com seu chicote (Eruexin) e espada, afasta todo o mal.

Obaluaê: Também chamado Omulu, é um Orixá associado à cura, à terra, aos mais velhos e à morte. Sua saudação “Atotô Obaluaê” significa “Silêncio para o grande Rei da Terra”.

Ngunzo: Palavra que faz parte da existência Bantu (conjunto de populações localizadas, principalmente, na África subsaariana) e está associada à força de realização. Traz uma ideia de coletividade e força vital.

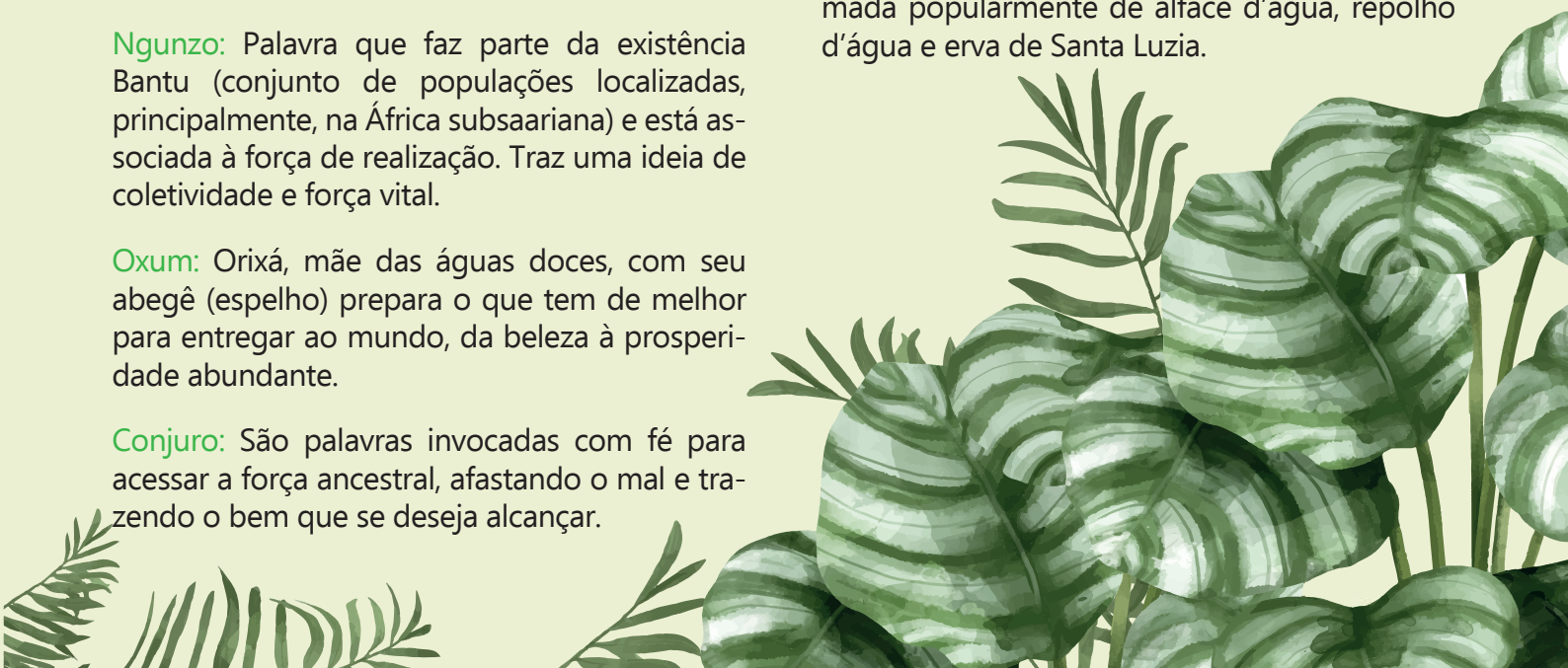
Oxum: Orixá, mãe das águas doces, com seu abegê (espelho) prepara o que tem de melhor para entregar ao mundo, da beleza à prosperidade abundante.

Conjuro: São palavras invocadas com fé para acessar a força ancestral, afastando o mal e trazendo o bem que se deseja alcançar.

Quartinha: Vasilhame ou recipiente sagrado utilizado para afirmar Orixás ou Guias, responsável pelo nascimento da energia sagrada que irá irradiar pelo ambiente.

Ori: Orixá responsável pela individualidade humana, também significa “cabeça” na língua Yorubá.

Ojuoro (ou “Oju Oró”): Planta aquática de origem africana, cujo nome científico é *Pistia Stratiotes*. Conhecida como pistia, também é chamada popularmente de alface d’água, repolho d’água e erva de Santa Luzia.



A força das plantas

- Dicas do Pai

Cada planta tem uma entidade, uma energia vital e um poder de cura, seja para banho ou para uso medicinal. Quem nunca tomou um chazinho para curar alguma enfermidade? A umbanda é o sistema ancestral que cultiva esses saberes. Com ela, aprendemos que a negramina é ação anti-inflamatória e pode ajudar no tratamento da malária, o banho de pinhão roxo pode te descarregar de energias e o banho de calêndula te faz brilhar. Porém, não é indicado tomar banho sem prescrição espiritual.



Canela de velho:

"É usada para tratamento de artrite, artrose, dores nas juntas. Ela ajuda na reposição da cartilagem. Serve como banho também".



Alecrim do campo:

"É dele que as abelhas fazem o melhor própolis. É anti-inflamatório. Essa erva também serve para defumação, para banho, para remédio".



Erva Baleeira:

"Serve para artrite, gota, dores musculares e na coluna, contusões, cicatrizações externas. Além de ser usada na medicina, a erva-baleeira também pode ser utilizada em banhos de limpeza e reforço de proteção, e na defumação".



Quebra-demanda:

"Acredita-se que tem poder de realizar limpezas espirituais, combater inveja, 'olho-gordo' e bruxarias. No uso medicinal, combate dores de cabeça".

Germinar Edição 4 - Janeiro 2025

Editor: Fabiano Azevedo

Texto e Fotos: Sarah Fontenelle

Revisão: Fabiano Azevedo e Marcos Oliveira

Diagramação e Ilustrações: Fabiana Mouchrek

Capa: Fabiana Mouchrek sobre foto de Sarah Fontenelle

Fotos da Edição: Sarah Fontenelle

Assessoria Técnica Independente Paraopeba - Escritórios
Rua Bueno Brandão 351, Santa Tereza
Paraopeba: Av. Dom Cirilo, 609, Canaã
Pará de Minas: Avenida Minas Gerais 413, São José
Esmeraldas: Rua Senador Melo Viana, 158, 2º andar, Centro
Viçosa: Rua Santo Antônio, 30, Apto. 2 - João Braz

E-mail: contato@nacab.org.br
Telefone: (31) 3885 1794



Assessoria
Técnica
Independente
PARAOPEBA

NACAB
NÚCLEO DE APOIO
AS COMUNIDADES ATINGIDAS
POR BARRAGENS

PARCERIA:


INSEA


sustentar
sustentar.org.br